



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

VIDA, FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA: NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA DO
CAMPO

MARIA BENEDITA TAIANA LOURENÇO ALHO

ALTAMIRA-PA
2020

MARIA BENEDITA TAIANA LOURENÇO ALHO

VIDA, FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA: NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA DO
CAMPO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Educação do Campo-Linguagem e Códigos, da Universidade Federal do Pará/ Campus de Altamira, como requisito de obtenção de grau de licenciatura em Educação do Campo. Sob orientação da professora Me. Fabiola Aparecida F. Damacena.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A397v Alho, Maria Benedita Taiana Lourenço
Vida, formação e experiência: narrativas de uma professora do campo / Maria Benedita Taiana Lourenço Alho. — 2020.
44 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. MSc. Fabíola Aparecida F. Damacena
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará, Altamira, 2020.

1. História de vida. 2. Formação. 3. Narrativa. 4. Experiência. I. Título.

CDD 410

Dedico este trabalho aos meus queridos pais e irmãs que sempre estiveram ao meu lado e não mediram esforços para a concretização de um sonho sonhado junto. A todos os professores, mestres da educação em especial aqueles que atuam nas escolas do meio rural.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à Deus pela benção de minha existência, e pelas inúmeras oportunidades que agraciou-me em crescimento, aprendizagem e a realização de mais um sonho em minha vida, este, da formação de nível superior.

A minha mãezina linda e guerreira, que nunca mediu esforços para que eu estudasse, mesmo quando precisei sair do meio rural para estudar na cidade, na despedida, ela, com o coração e olhos cheios de saudades me abençoou, e disse que sempre estaria ao meu lado em todos os momentos, mesmo com toda a distância. Seu amor é o que me guia, me protege de todo perigo e me encoraja a trilhar minha vida e voar, em busca de meus sonhos. Me sinto muito protegida com o amor de minha mãe. Obrigada mamãe por ter me dado a vida.

A meu pai herói e por toda dedicação desde a infância até os dias atuais, pelo incentivo de ter acreditado em mim, por ter sido o suporte material e espiritual em todos os instantes. Ele que sempre fez o possível e o impossível para que nós, suas quatro filhas estudássemos, sempre nos apoiou e acreditou em nosso potencial.

A minha irmãzinha Tarcila, essa menina linda, meiga, inteligente e dona de um sorriso contagiante, que sempre esteve do meu lado me apoiando, zutando, e acima de tudo me ajudando, você é extremamente incrível, pois quando eu precisei você chorou comigo, obrigada maninha, eu amo você.

A minha irmãzinha Tarciane, pela cumplicidade e parceria, pois sempre estávamos juntas nesses 4 anos, sorrimos, choramos, passamos noites em claro, mas uma dava suporte e força a outra, nos momentos que pensávamos desistir. A essa minha menina de luz, meiga e humilde, obrigada por tudo, amo-te.

A minha irmãzinha Tatiane, que sempre esteve me dizia palavras de incentivo, me assegurando que sim, eu sou capaz de realizar meus sonhos. Obrigada por ser essa irmã amiga e parceira, pois, quando mais precisei, você cumpriu seu papel direitinho, amo-te. Meninas, mulheres, juntas sempre fomos mais fortes, pois a alegria de uma é a alegria de todas e o amor que corre em nossas veias é maior que tudo.

A minha amada orientadora Fabiola Damacena, um anjo em pessoa! Uma excelente profissional de índole, que quem realmente conhece sabe como é amável, bondosa e gentil. Desenvolve seu trabalho com amor, tive o privilégio de estudar e ser minha orientadora de trabalho de conclusão de curso, sempre com carinho, paciência acreditou em minha capacidade. Obrigada pelas palavras de incentivos, por ter dedicado muitas horas de seu tempo a me orientar e a sensibilidade de perceber em minhas palavras, onde queria chegar,

sobretudo me auxiliar a encontrar o caminho que deveria ser percorrido para que este trabalho se concretizasse. Mesmo com nossa distância, não tenho dúvida de que tive a melhor orientadora do mundo. Gratidão minha linda professora de cachos perfeitos!

Em nome da professora Raquel Lopes, gostaria de agradecer a todos os professores do curso, que contribuíram na realização deste momento, demonstrando compromisso, dedicação e profissionalismo e cuidado durante toda a minha trajetória acadêmica.

Aos alunos, pais, lideranças comunitárias, professores, coordenador pedagógico, coordenação escolar da EMEF Gomes Netto, em especial, a professora Maria Benedita Fernandes Rodrigues, por estarem disponíveis e me ajudar a desenvolver minhas pesquisas dos Tempos Comunidades (TC), Estágios Supervisionados e essa monografia, com a produção dos dados de pesquisas, minha gratidão.

Agradeço à Universidade Federal do Pará (UFPA) e a Faculdade de Etnodiversidade, ao curso de Licenciatura em Educação do Campo-Linguagens e Códigos, por terem me proporcionado a oportunidade de ingressar ao Ensino Superior, realizando deste modo, um sonho.

Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), centra-se na trajetória de vida e experiência de Maria Benedita Fernandes, professora dos anos finais do Ensino Fundamental numa escola pública do município de Gurupá (PA). Os objetivos buscam: compreender as implicações das histórias de vida na constituição das experiências profissionais da professora Maria Benedita, bem como refletir acerca das potencialidades das histórias de vida no desenvolvimento profissional. Nos respaldamos em autores do campo das histórias de vida e narrativas (auto)biográficas em educação. Compartilha-se da abordagem da pesquisa narrativa (auto)biográfica, que possibilita reflexões sobre o registro dos fatos e relatos na voz da própria professora narradora. Os resultados evidenciam que a história de vida da professora traz inúmeras implicações na escolha da profissão e em sua vida pessoal, a qual obtém contributos pelas suas experiências, práticas educativas, vivenciadas no passado e no presente traduzidos em fazeres relacionados à educação, bem como influência da família e das próprias escolhas pessoais para exercer a profissão docente nas comunidades rurais de Gurupá.

Palavras-Chave: História de vida. Formação. Narrativa. Experiência.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: PARA INICIAR AS NARRATIVAS.....	08
UMA ESCOLA E UM RIO: FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA.....	10
ENTRELAÇAMENTOS E REENCONTROS DE VIDAS E PERCURSOS ...	13
VIDA, EXPERIENCIA E DOCENCIA DE UMA PROFESSORA.....	16
POSSIBILIDADES DA PESQUISA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA.....	25
CONSIDERAÇÕES: REFLEXIVIDADE E RECONHECIMENTO	30
REFERÊNCIAS.....	33
APENDICES.....	36

Introdução: para iniciar as narrativas

A pesquisa apresentada, coloca em questão, o contexto de comunidades e escolas ribeirinhas, suas culturas, saberes, experiências, a partir da história de vida de uma professora do campo, que se propõe a reviver e narrar suas experiências desde criança, como aluna aos dias atuais, como professora. Aproximei-me deste campo de pesquisa com história de vida, durante algumas disciplinas trabalhadas na graduação em educação campo. Passei a ponderar sobre viver essa experiência de pesquisa com professores que atuam nas escolas básicas do campo. Nesse processo, além da história de vida da professora interlocutora, algumas narrativas são criadas pelas crianças, alunos dessa professora, com palavras que expressam reconhecimento por seu trabalho junto a escola e comunidade.

A temática sobre trajetória de vida de uma professora do campo está alicerçada em autores de narrativas, histórias de vida de professores e sobretudo, artigos que tratam especificamente de estudos (autos) biográficos, visando dialogar com esta pesquisa que tem como propósito: produzir e compartilhar a narrativa da experiência humana e profissional da professora Maria Benedita Fernandes Rodrigues, considerando que a narrativa sobre história de vida pessoal é uma prática propriamente humana. Por meio do contar histórias de vida partilhamos experiências e modo de ser e estar no mundo. (BRAGANÇA, 2012).

A mobilização à realização deste trabalho perpassa por um convite a partilhar a história da professora Maria Benedita, as reflexões sobre sua luta pela educação, seus saberes profissionais frente às suas experiência e formação, identidade e o sentir professora, nesse percurso, percalços e sentidos. A temática foi sendo construída durante a realização do terceiro Tempo Comunidade (TC), do curso de Educação do Campo, realizado na comunidade Santo Anjo da Guarda e na Escola de Ensino Fundamental Gomes Netto, através de pesquisas e coletas de dados no período de realização das disciplinas acadêmicas durante o curso, no qual, percebi o quanto a caminhada do professor reflete em sua trajetória de vida e o quanto essas influências estão presentes na sua prática docente.

Este trabalho partilha da pesquisa qualitativa, pois prima pela abordagem teórico-metodológica das histórias de vida, especialmente por meio da pesquisa e das narrativas orais, realizados com a professora Maria Benedita, que atua nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental Os objetivos buscam: compreender as implicações das histórias de vida na constituição da docência da professora Maria Benedita, bem como refletir acerca das potencialidades das histórias de vida no desenvolvimento profissional.

Desta forma, o trabalho está organizado a partir da relação com história de vida da professora, desde o início, a narrativa vai intercalando todo o trabalho no diálogo com os autores e as possíveis reflexões ao longo das compreensões inscritas nesse processo de produção da pesquisa e do trabalho de campo. Em seguida apresento o lócus de pesquisa, faço um relato sobre a história da escola de Ensino Fundamental Gomes Netto, narrando suas principais características e desta maneira o trabalho vai ganhando tessitura a partir da história de vida e docência de uma professora do campo, a qual reside na comunidade Evangélica Nova São, rio Moju, sua família é composta por quatro pessoas e vivem da prática do extrativismo e da agricultura familiar (plantação, pesca, comercialização do açaí e palmito).

A investigação no campo das narrativas orais e com as histórias de vida, demanda permanentes pesquisas, pelo fato da pluralidade de temáticas a serem estudadas e compreendidas no processo de formação, o qual passa por diversas mudanças ao logo tempo e em várias esferas, escalas e dimensões, foi-se alterando, conseqüentemente, as relações humanas, os modos de pensar, fazer e produzir as profissões, as metamorfoses no conhecimento, na existência e na vida dos sujeitos, trazendo, inclusive, implicações na cultura, na educação e, assim, na formação e na profissionalização docente.

Esse entrelaçamento sociocultural é o convite tematizado por uma trajetória vivencial, com seu tramas singulares e ao mesmo tempo plurais, em suas linhas e entrelinhas narradas e preenchidas de histórias e memórias de uma professora, “tecida na dinâmica do tríplice presente que envolve passado, presente e futuro em uma relação espaço temporal da experiência humana não apenas em termos cronológicos, mas, especialmente, em termos de significações produzidas”, (ABRAHÃO, BRAGANÇA, 2020, p. 2), “porque estamos situados num dado tempo, num dado espaço, em dadas relações sociais”. (Calzerani, 2013, p. 127)

Essas dimensões podem configurar-se como eixos centrais das experiências humanas, instituindo práticas, pensamentos e sensibilidades. Se torna pertinente, cada vez mais, questionar as vivências automatizadas, individualistas, desenraizadas em relação as dimensões de tempo e de espaço. Não podemos deixar nossas experiências serem diluídas e agravadas pelo esfacelamento do social, entre outras tarefas, devemos criar táticas, como nos diz Certeau(1994) capazes de potencializar o engendramento de saberes docentes e discentes mais autônomos, na direção do fortalecimento das crianças e dos jovens como sujeitos ativos na produção de conhecimentos escolares e extraescolares. É nesta perspectiva que o trabalho educacional, a vida e as experiências da professora Maria Benedita, são destacados nesta pesquisa. (GALZERANI, 2013).

1. Uma escola e um rio: fragmentos de uma história

Gurupá é um município do Estado do Pará, situado na região das Ilhas, em frente a foz do Rio Jarí, afluente paralelo ao Rio Peru, estuário do Amazonas. É notável pelas suas dimensões, dividindo-se em braços quase iguais, nas alturas da confluência do rio Xingu. Gurupá, com toda a sua diversidade cultural, resulta de uma longa história de encontros culturais que vai desde tempos milenares de ocupação indígena, perpassando momento de contatos coloniais que incluem os europeus, missionários e soldados lotados nos fortes, os escravos vindos da África e mais tarde os ribeirinhos que foram ocupando as margens dos rios formando suas comunidades [...] (LIMA, et al 2018; SANTOS, 2009).

Nesse contexto das comunidades ribeirinhas, se situa a Escola de Ensino Fundamental Gomes Netto, na margem direita do Rio Moju, comunidade Santa Luzia, área rural de várzea no Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) ilha grande de Gurupá com distância de duas horas e quarenta cinco minutos da sede do município, via fluvial. Este projeto “visa beneficiar as famílias que vivem da floresta, desenvolvem atividades economicamente viáveis e ecologicamente sustentáveis”. (VIEIRA, 2001, p. 14)

Figura 1- Escola Municipal de Ensino Fundamental Gomes Netto



Fonte: Professor Rildo Dias (2017).

No Projeto de Assentamento Agroextrativista, onde a comunidade está inserida, a maior parte da renda das famílias é proveniente do extrativismo (colheita de frutos, coleta de sementes, pesca e extração de palmito e madeira). Neste caso, a maioria dessas famílias envolve desde cedo os filhos em práticas produtivas, pois é através da convivência que as crianças e os jovens aprendem a ser extrativistas e/ou pescadores. Nesse sentido, podemos

perceber que estamos lidando com um público diferente que nutre expectativas diferentes a respeito do papel da escola.

No que se refere à origem da escola, a EMEF Gomes Netto foi fundada no ano de 1985, tendo recebido esse nome em homenagem ao senhor Benedito Saboia Netto, seu fundador. Nessa época, as aulas funcionavam na casa desse senhor, de modo que o objetivo da escola era proporcionar a educação básica ao povo daquela localidade. A possibilidade de ensino era de 1ª a 4ª séries, conhecida então como ensino primário. Em 1990, o ensino passou a denominar-se Ensino Fundamental.

No ano 2000 a EMEF Gomes Netto aderiu ao ensino de 5ª a 8ª séries, passando a funcionar no barracão da comunidade Santa Luzia, onde eram atendidos alunos das seguintes comunidades: Santo Anjo da Guarda, Santa Lúcia, Santa Maria, Santa Luzia, São João e de uma congregação evangélica Nova Anciã. As aulas eram realizadas das seguintes formas: três dias semanais (segunda a quarta-feira), das 08h às 15h 15, com três embarcações para transportar todos os alunos e funcionários.

Neste período houve a necessidade de ter um espaço próprio e adequado para suprir a demanda, assim, no ano de 2005 iniciou-se a construção do prédio escolar Gomes Netto, construído todo em madeira, medindo 46 metros de comprimento com 08 de fundo, possuindo 02 banheiros com fossa, 01 secretaria, 01 copa e 08 salas de aulas. “A primeira obrigação do Estado brasileiro é assegurar que existam escolas de ensino fundamental para todas as pessoas [...]”. (Caldart et al, 2012, p. 219). Assim, a construção do prédio escolar garantiu um espaço amplo e de qualidade para que os filhos de ribeirinhos tivessem o acesso à educação básica em suas localidades.

Atualmente, a escola dispõe de dois pavilhões medindo o mesmo tamanho, que teve o início da construção no ano de 2010, mas que infelizmente ainda nesse processo da pesquisa essa obra ainda não estava concluída; neste mesmo ano a escola foi contemplada com mais um banheiro adaptado para o ensino infantil e uma casa para os professores.

Segundo os entrevistados, a escola não dispõe de biblioteca, espaço para recreação nem quadra esportiva, somente no período do verão são realizadas atividades físicas em um campo tradicional da região (barro). Com relação aos materiais didáticos, são disponibilizados, porém não é suficiente para suprir as necessidades dos alunos e nem dos educadores.

No ano de 2006, a escola foi contemplada com o Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), que tem origem do governo Federal; a administração juntamente com conselho

escolar, administra o recurso na compra de materiais de limpeza, didáticos, merenda escolar e realização de projetos voltados à cultura da localidade como: Feira Cultural, Forrozão do tio Gomes e Festival do açaí. Sendo que a relação da escola com a comunidade ocorre através da participação dos pais e responsáveis em reuniões semestrais ou anuais e também nos eventos promovidos pela escola, haja vista que em suas concepções, escola e comunidade precisam caminhar juntos com objetivos em comum.

A escola Municipal de Ensino Fundamental Gomes Netto aderiu em 2009, o Ensino Fundamental de nove anos; hoje a escola trabalha com uma demanda de 185 alunos matriculados, distribuídos por turmas e tem seu corpo administrativo composto por diretor, secretaria, coordenador pedagógico, professores e equipe de apoio, sendo que uma vez por mês a direção realiza visitas de acompanhamentos e esclarecimentos aos funcionários.

Contudo, ao longo desses anos a escola já foi contemplada com cursos de formação e palestras, que proporcionaram aprendizado e troca de experiências, criando assim, uma boa relação entre direção e profissionais, sobretudo, proporcionando resultados e contribuições positivas para a instituição. Como enfatiza Arroyo, (2019, p. 178), “a escola é uma instituição, são práticas, valores, condutas, modos de relacionamentos e convívio, são rituais hábitos e símbolos institucionalizados”.

Uma das maiores dificuldades que a EMEF Gomes Netto encontra com relação à educação do campo, é não dispor de uma matriz curricular pedagógica própria, visando especificamente a realidade dos alunos do meio rural, sendo que a matriz é enviada da SEMED, mas os professores fazem adequações em algumas disciplinas de acordo com as áreas e temas trabalhados em sala. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece que:

Art. 28º. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especial.

Nesse sentido, a definição da escola do campo caracteriza-se pela diversidade de currículos e metodologias, ou seja, contempla as diferenças em relação aos aspectos sociais, culturais, regionais, políticos e econômicos, sobretudo por estar inserida no setor rural. No caso da escola urbana, o ensino e aprendizagem são centrados em uma realidade desvinculada da escola do campo.

2. Entrelaçamentos e reencontros de vidas e percursos

Moju, manhã nublada (como muitos dias no interior). A tranquilidade e as energias vibrantes do raiar do sol, eram perceptivas no toque do vento que agraciava o meu rosto. Sentada na proa da embarcação viajei todo o percurso até chegar na residência da professora. Chegamos, aproximadamente seis e quarenta e cinco, considerado bem cedo, ela e os demais membros da família estavam acordados, mas ainda permaneciam em suas redes.

Ao perceber a minha presença em seu trapiche abriu a porta de sua casa e com toda a gentileza me convidou para adentrar e ficar à vontade, na ocasião me disponibilizou a sua rede para descansar, considerando o longo percurso que eu havia feito, de minha residência à sua. Assim, teve a sensibilidade de fazer essa boa ação e hospitalidade, momentos como este serão memoráveis em minha vida, afinal nesse mundo de tantas mentiras é difícil encontramos pessoas verdadeiras e disponíveis à ajudar.

Percebi a sua preocupação com meu bem estar, buscou me deixar o mais confortável possível, e assim, encontrávamos acompanhadas da calma agradável do amanhecer e das cantigas dos passarinhos entorno à sua residência, conversávamos sobre a vida e ouvíamos as programões e informações no seu rádio. Então, já era um novo dia, nos levantamos, tomamos café, em seguida, me levou para conhecer seu cantinho especial, que fica ao lado de seu trapiche, nesse lugarzinho ela tem um espaço construído todo de madeira para guardar suas plantinhas queridas, são inúmeras roseiras, cravos, jardineiras, e é tão nítido o carinho e o cuidado que ela nutria por suas lindas, coloridas e perfumadas rosas, todas as manhãs às rega. Para ela, água é vida”.

Figura 2- trapiche da residência da professora Maria Benedita



Fonte: Maria Tarcila (2020).

Nossa narradora apresentou toda disponibilidade e apreço por aquele momento, sentou em sua cadeira na entrada de sua casa, (vista maravilhosa para o rio, águas claras é crescentes). Logo no início, fez questão de falar das energias boas que suas plantinhas lhes proporcionam, sentia-se, privilegiada em respirar e usufruir desses bens naturais, desde seu desperta ao adormecer, nessa relação intensa com a natureza à sua volta.

Essa proposta do percurso narrativo é uma constituição de tessitura discursiva aberta que ao mesmo tempo nos convida a participar da elaboração dos sentidos e significados. Como se pode notar, na narrativa, o tempo é algo que atravessa o movimento das águas, das marés, do caminhar das embarcações, do sentimento e expectativa do encontro, do acolhimento da sensibilidade na relação com a natureza, o tempo de chegar, de partir, de dormir e acordar a cada amanhecer no contexto de vida ribeirinho, no qual o tempo é uma

possibilidade e não uma determinação, o tempo aqui, pode criar relações mais inteiras e com mais vida, nessa possibilidade de encontros entre pessoas e culturas diferentes. Em consonância com o pensamento de Ailton Krenak (2020), percebemos que os rios, as montanhas, estão além da formação das paisagens, com nomes, com humor, a natureza têm um significado direto, ligado com a nossa vida, a natureza é a fonte que alimenta os sonhos, os sonhos grandes, o sonho que não é somente a experiência de estar tendo impressões enquanto você dorme, mas o sonho como casa da sabedoria.

Um mergulho na cultura e identidade

Eu sou a Maria Benedita Fernandes Rodrigues, atualmente moro no rio Moju município de Gurupá, nasci em 20 de Outubro de 1963, faço parte de uma comunidade evangélica Nova Anciã. Eu sou... eu vim de uma família muito humilde e simples e... A gente é do interior, lembro da minha infância com carinho. Minha mãe e avó confeccionavam com delicadeza e amor bonecas coloridas de pano e nos divertíamos. No período do verão utilizávamos o quintal da casa para confeccionar os artesanatos, símbolos e objetos utilizados em nossa cultura ribeirinha, tais como: peneiras e vassouras. Lembro que eu tinha apenas alguns coleguinhas, morávamos distantes, sempre moramos no meio rural, então, esse acesso como mais pessoas era somente nos dias de domingo quando visitávamos as demais famílias, e desde pequena eu já gostava de dialogar e esclarecer minhas dúvidas, também sempre procurava observar e aprender algo de alguém, porque a curiosidade desperta o interesse e a vontade de alcançar objetivos.

A professora Maria Benedita, começa a narrar sua história de vida, conjugando sua identidade, suas experiências, cultura, vivências saberes, “lembranças tão misturadas de tantos espaços e tempos em que realizamos aprendizagens diversas em que fomos nos formando”. (ARROYO, 2019, p. 209).

Nessa época as atividades econômicas para nossas sobrevivência eram extraídas dos produtos do látex (árvore seringueira), tenho maior orgulho de dizer que meu pai sempre foi um homem muito trabalhador, plantava e colhia com sucesso lavouras brancas tais como: milho, melancia, feijão, quiabo entre outros.

Realizava extração de árvores para a comercialização e vendia as palhas do bussuzeiro por quinhentos cruzeiro, produtos que eram o suporte para nossa permanência e sobrevivência.*

* Palmeira nativa da região, utilizada para a cobertura das residências ribeirinhas na época.

Eu lembro que nos finais de semana, meu pai se deslocava para a residência de seu genitor que também era um comércio, (quero ressaltar aqui, que o patrão do meu pai era seu genitor), ele trocava os produtos pelas mercadorias para sustentar nossa família, nessa época era difícil termos o acesso do dinheiro em espécie, pois era mais utilizado o chamado escambo “a troca” do produto pela mercadoria.

As pessoas não tinham a liberdade de comercializar sua produção fora da localidade, o patrão ficava de olho nos fregueses, até a propriedade que morávamos na época pertencia ao patrão (Ilha do Tucunaré município de Gurupá).

Mesmo com todas as dificuldades financeiras, a felicidade era rotina em nossa casinha humilde construída toda de madeira. Em nossa vivência familiar prevalecia a forte relação de companheirismo, cumplicidade, afeto e amor, o diálogo aproximava as pessoas, lembro que meu pai e seus irmãos, reuniam-se todas as manhãs ao lado de uma grande pedra para afiar suas armas (machados e facões), e na ocasião conversavam sobre a vida e as negociações aproximadamente duas horas, aquele diálogo tornou-se rotineiro, eu sempre observava a distância, ajudando minha mãe nas atividades domésticas.

Nossa cultura no meio rural é de termos essa sensibilidade de gentileza e receptividade para como nossos vizinhos, familiares e visitantes, diferente da correria da cidade. Somos simples, humildes, ribeirinhos, extrativistas, mas sempre honramos com muito orgulho nossa identidade, origem, costumes, culturas e valores.

Meu processo de aprendizagem iniciou em casa com minha genitora Ana Fernandes, na época me alfabetizou com a cartilha do ABC. E lembro que as primeiras letras que aprendi foram A e C, essas letras memorizei. Minha mãe adotou métodos e selecionou os dias da semana para estudarmos.

Num determinado dia ela falava assim “hoje é dia de dá lição” e se chegasse no momento e não soubesse ficava de castigo, que era sempre uma surpresa ou ficava sem brincar o dia todo. Mas, esse método foi muito válido, pois me esforçava o máximo para fazer minha lição direitinho, com isso eu praticava a leitura, sobretudo obediente à ela, realizava minhas atividades.

Lembro do dia em que para minha felicidade conseguir escrever a primeira palavra “didi”, não sabia que era um nome próprio, pois minha mãe também desconhecía as regras da gramática da Língua Portuguesa, então escrevia assim, a inicial minúscula. Mas, para nós o que prevalecia era a felicidade de um novo aprender.

A motivação foi tão grande que esse foi o primeiro passo de uma grande conquista na minha vida estudantil, então, quando eu tive acesso à escola básica, já tinha noção das letras do alfabeto, de forma sílabas e ficava toda maravilhada compartilhando com meus coleguinhas minha folha de papel. Olha eu já sei escrever! Estava no mundo da fantasia, como Peter Pan não queria crescer nunca (riso).

Minha primeira escola tinha por nome São José na Ilha do Tucunaré e a professora na época era a Raimunda Santiago Brandão, ela trabalhava com vários horários (manhã, tarde e noite) e lecionava para a turma do mobral (adultos), então ela era muito ocupada, não tinha muito tempo para disponibilizar um olhar de atenção aos seus alunos, repassava a orientação das atividades didáticas e se ausentava da sala, sempre ia para a cozinha, porque*

* Programa criado pelo governo federal com o objetivo de eliminar o analfabetismo do Brasil.

naquela época a professora do meio rural era: professora, merendeira e servente, responsável pelo funcionamento de determinada escola, é claro que encontrávamos dificuldades de avançar por motivo da ausência da professora, mas sempre éramos compreensivos, ficávamos em nossas mesas concentrados nas atividades, lembro que a escola na época disponibilizava somente de uma lousa toda de madeira, a escrita era feita com giz (lápiz que produzia um pó) e algumas mesas para nos acomodarmos.

Enfim, nossa escola era bem humilde com pouquíssimo materiais que não supriam a nossa necessidade, e o percurso que fazíamos todos os dias era distante e cansativo, nosso transporte era uma canoa e remo, eu e meus irmãos enfrentávamos muitos obstáculos, vulneráveis as variações de climas (chuva e sol), passávamos pela margem do rio Amazonas e quase todos os dias as águas estavam agitadas, emergindo para dentro da canoa, sendo assim, revezava-nos para retirarmos a água e locomover a canoa até o local da escola, de fato, não foi fácil, enfrentamos todas as dificuldades e obstáculos, mas não desistimos e nem desanimamos, abraçamos a oportunidade de ter acesso a escola básica. Assim, busquei despertar em mim a curiosidade de desenvolver meus saberes e prática da leitura, desse modo, com muita dedicação e apoio de meus pais, lapidava os conhecimentos adquiridos, concluindo assim a quarta série.

Após essa conquista fui desafiada a vivenciar uma nova experiência na minha própria comunidade onde residia. Tudo começou como um convite que recebi de um pai, que preocupado com o futuro de seus filhos, foi na minha residência, pedir para que ensinasse seus filhos por motivo que a única escola construída na localidade ficava muito distante de sua residência, como na época eu já tinha concluído a quarta série aceitei, mas pensando até como se fosse uma brincadeira, devido eu conhecer todas aquelas crianças, no geral trabalhava com aproximadamente quinze alunos, perfazendo três famílias. Trabalhei três meses, e no último dia de aula o senhor (pai), que tomou a iniciativa, me chamou para uma conversa e para minha surpresa ele perguntou quanto eu iria cobrar pelos três meses trabalhado, e minha resposta foi que; não iria cobrar absolutamente nada, que inclusive estava muito feliz em poder ter ajudando e compartilhado os meus saberes com aquelas crianças. Afinal, tinha vivido experiências, momentos únicos e emocionantes ao conviver diariamente com elas. Foi então que os pais da comunidade se organizaram e deslocaram-se até à sede do município para solicitarem à prefeita em exercício na época Cecília Palheta a minha contratação como professora daquela localidade. Para a ocasião os pais contaram com o apoio, motivação e suporte muito válido da vereadora Esmeralda Nunes dos Santos.

Eu vejo as narrativas, mesmo as narrativas chamadas antigas, do Ocidente, as mais antigas, elas sempre são datadas. Nas narrativas tradicionais do nosso povo, das nossas tribos, não tem data, é quando foi criado o fogo, é quando foi criada a Lua, quando nasceram as estrelas, quando nasceram as montanhas, quando nasceram os rios. Antes, já existe uma memória puxando o sentido das coisas, relacionando o sentido dessa fundação Quando do mundo com a vida, com o comportamento nosso, com aquilo que pode ser entendido como jeito de viver. Esse jeito de viver que informa a nossa arquitetura, nossa medicina, a nossa arte, as nossas músicas, nossos cantos. Nós temos tradição, e ela está fincada em uma memória da antiguidade do mundo, quando nós nos fazemos parentes, irmãos, primos, cunhados, da montanha que forma o vale onde estão nossas moradias, nossas vidas, nosso território. Aí, onde os igarapés, as cachoeiras, são nossos parentes, ele está ligado a um clã, está ligado a outro, ele está relacionado com seres que são aquilo que chamaria de fauna,

está ligado com os seres da água, do vento, do ar, do céu, que liga cada um dos nossos clãs, e de cada um das nossas grandes famílias no sentido universal da criação (KRENAK, 2020).

Se a gente se deixa levar pelo tempo do rio, o tempo da nossa experiência também é outra. Porque vivemos nessa conexão de sujeitos interrelacionado, como disse Krenak (2020), quando narramos nossas experiências nessa condição de sujeito que produz conhecimento buscando legitimidade a partir dessa relação com a sociedade e com a natureza. Por isso a importância de narrar os percursos, nossos processos de formação, mesmo considerando o espaço de tensão e conflitos que emergem nas escolas, e para além nos espaços sociais e públicos, seja do campo ou da cidade.

3. Vida, experiência e docência de uma professora

Acompanhei de perto a vida cotidiana e docência da professora Maria Benedita Fernandes Rodrigues, de 55 anos de idade, trabalha na rede de ensino de Gurupá, em diferentes comunidades e escolas, há 35 anos, entre o período de 1984 e 2020, é formada em Letras pela Universidade Federal do Pará-UFPA. Atualmente encontra-se exercendo sua função docente na escola Municipal de Ensino Fundamental Gomes Netto e há 7 anos atua na disciplina de língua portuguesa.

Em uma bela manhã os pais da comunidade chegaram em minha residência, com umas documentações, para assinar e permanecer como professora, eu lembro que fiquei nervosa temia o pouco conhecimento, no primeiro momento recusei o convite-desafio, mas os pais realmente confiavam e acreditavam em minha capacidade e demonstravam estarem satisfeitos com o meu trabalho, assim, me proporcionam uma semana para repensar e refletir. Após, noites de reflexões, busquei coragem e aceitei trabalhar como professora na minha comunidade. Até porque eu acredito que Deus assina nossos projetos e eles se realizam no momento certo. E sim. Essa foi umas das decisões mais importante e significativa em minha vida, somar na área da educação básica na rede de ensino do meu município.

Comecei a trabalhar com toda humildade e amor por tudo o que fazia, eu tinha que administra a aula, fazer a merenda e servir aos meus alunos, não tínhamos um prédio próprio, meu pai cedeu a sala da nossa residência para que pudesse desenvolver meu trabalho, experiência que eu e minha família vivenciamos, ato humanitário e gratificante em nossas vidas, porque na época jamais pensava em ser professora, achava que não tinha capacidade e potencial para assumir essa responsabilidade, enquanto os pais acreditavam e valorizaram meu trabalho por isso, foram resistência para minha permanência na continuação de minhas atividades.

A casa foi a escola durante um tempo

Em registro, aproveito para agradecer aos meus pais, que me permitiram essa oportunidade e abriram a porta de nossa residência para que eu pudesse possibilitar a oportunidade de acesso ao ensino e aprendizagem a outras crianças da nossa comunidade. Todo esse período que trabalhei em minha residência, nunca fui decepcionada ou interrompida por meus pais e irmãos, eu lecionava na sala e quando recebíamos visitas, eles se retiravam para a cozinha ou ponte, para não incomodarem ou desviar a concentração dos alunos.*

Então, isso eu jamais irei esquecer, essa oportunidade e incentivo que recebi de todos os pais, alunos e minha família. Sobre tudo o apoio e acompanhamento da prefeita Cecília Palheta e do meu primeiro orientador João Morais Santiago o responsável em coordenar todas as demandas da área da educação, na ocasião de uma visita, me orientou como deveria preencher as fichas solicitadas, apresentou-me novas metodologias pedagógicas para realizar em sala com meus alunos e repassou a merenda escolar para um mês, devido ao difícil acesso a sede do município, ao final de nossa conversa-orientação a prefeita disse que gostaria de saber minha opinião em relação ao nome que a escola deveria receber, foi então que sugerir, Boa Esperança, (em homenagem ao cabo boa esperança na época dos navegadores que contornarão o Sul da África), e até nos dias de hoje a escola permanece em suas atividades normais (Ilha do Tucunaré). Contudo, era gratificante ver os reconhecimentos e esforços por parte do governo para o funcionamento da escola.

Todo aprendizado levaremos para a vida!

Foi exatamente o que eu busquei fazer, armazenei todas as orientações que meu orientador me repassou, e lembro que eu tinha um pavor de elaborar as provas escritas para meus alunos (risos) eu não tinha prática para avalia-los e nem dinâmicas pedagógicas, foi a partir desse momento que percebi que deveria buscar ajudas com professores (as), que tinham experiências e práticas em sala de aula, resalto aqui a colaboração da minha tia que na época era professora em exercício, hoje aposentada. Ela com toda a paciência me orientava como elaborar meus planos de aulas, atividades educativas e avaliativas, me apresentou as dinâmicas pedagógicas e os métodos de adequar a realidade dos meus alunos e suas especificidades com os conteúdos didáticos, sou muito grata à ela por todos os ensinamentos compartilhados. Sobre tudo, a oportunidade de acesso mais frequente aos livros didáticos, esses essências no aprimoramento e ampliação de meus aprendizados e conhecimentos.

Lembro, que quando adquirir meus primeiros livros didáticos eu fiquei muito feliz e a curiosidade de descobri-los era imensa, assim, todas as noite deitada em minha rede viajava nas leituras prazerosas e, como na época em minha residência não tínhamos energia elétrica eu utilizava a luz de lamparina (objeto que funciona com querosene e produz uma fumaça), e ao acordar percebia que meu nariz estava preto (risos), mas isso nunca foi motivo de desistir dos meus objetivos e das leituras nas caladas das noites.

Nas metodologias trabalhadas, sempre buscava adequar a nossa realidade, como por exemplo na disciplina de Matemática a qual percebia que meus alunos apresentavam uma série de dificuldades, buscava trabalhar com eles no lúdico e com jogos, utilizando a

* Estrutura construída toda de madeira para estabilizar a moradia do povo ribeirinho.

frutinha de bole-bole, colhida no rio por eles (brincadeiras diárias). Com esse recurso trabalhávamos as quatro operações fundamentais ex: eles pegavam 10 bole-bole, aaa... 10-2... aí retiravam 02 e encontravam o resultado, conciliávamos aprendizado e diversão.

Assim, meu primeiro contrato como professora no meio rural foi exatamente em 04 de Março de 1985, então eu trabalhei três anos nessa escola, ganhei muita experiência e práticas pedagógicas, sobretudo um laço de amizade que, permanece nos dias de hoje, tenho contato com algumas famílias que residiam nesse local, sempre encontro com meus ex alunos na cidade e hoje tenho orgulho de vê-los formados e atuando como professores no meio rural, e sempre me emociono quando eles narram essas memórias de convivência, aprendizagem de troca de conhecimentos e experiências ímpar para nossas formações. Onde tudo começou.

Para concluir o ensino fundamental nas series finais, eu tive que ingressar no curso Gavião II-Magistério/Convênio: UFPA-SEDUC em parceria com a Prefeitura Municipal, sendo a escola Marcílio Dias cedida para essa realização, os professores deste curso se deslocavam da capital do Pará, até a sede do município. No período da formação, tive excelentes profissionais que com seus conhecimentos somarão para que novos aprendizados fossem construídos e desenvolvidos. O projeto tinha como objetivo, aprendermos trabalhar com dinâmicas pedagógicas, canções didáticas, adequar os conteúdos de acordo com a realidade dos alunos e métodos de como alfabetizar. Inclusive nesse projeto Gavião II eu participei de uma feira de ciência realizada na maloca (centro de convivência Aluizio Barrada), até hoje eu lembro desse evento, inclusive como aquele não teve mais no município.

A equipe organizadora, ornamentou todo o ambiente com recursos naturais, o lanche distribuído foi extraído da natureza, como por exemplo o caroço da fruta do cupu, originou-se café, na ocasião tínhamos; a pupunha, farinha e seus derivados. Improvisaram ambientes específicos para expormos os artesanatos confeccionados, plantas medicinais, frutas e legumes naturais entre outros e em cada espaço havia dupla responsáveis para esclarecer as dúvidas dos visitantes, enfim a realização da feira de ciência foi muito importante na minha formação, pois através desse projeto adquirir muitas experiências e metodologias didáticas, guardo em minha memória e sempre que possível desenvolvo-as em sala.

Na época da realização do projeto, o gestor era o senhor Manoel Moacir Gonçalves Alho, que muito contribuiu com a educação do município, proporcionando novas oportunidades, aprendizagens e sonhos concretizados. O curso foi realizado em duas etapas, 1987, e a segunda em 1988, sendo três meses cada etapa e no final recebemos o certificado de conclusão do Magistério-Gavião II.

Não tem sensação melhor, do que vê seu aluno aprender com um belo sorriso no rosto!

Em 1989, mudei de localidade passando a morar no Rio Moju dando continuidade em minhas atividades como professora na escola Dom Luiz também com multisseriado. Imagina trabalhar com aproximadamente trinta a quarenta alunos em uma única sala, me deparava com essa situação e em certos momentos o desespero tomava conta de minha tranquilidade, por que realmente não é tão fácil administrar aulas em turmas de multisseriado, sobretudo quando a escola não tem estrutura, e por esse motivo fui transferida para uma sala anexo a

escola Gomes Netto. Então, a partir daí tive novas experiências, já trouxe na bagagem um pouquinho de saberes das práticas pedagógicas e métodos eficaz de como trabalhar na turma de multisseriado e sobretudo o gosto e o amor pela minha profissão no meio rural.

Figura 3- Escola Dom Luiz



Fonte: Professora Maria Benedita (1989).

Ao me deparar com as necessidades dos alunos de 1ª a 4ª série, minha prioridade no momento era suprir suas dificuldades e ajuda-los, algo que me chamou atenção era a dificuldade na leitura e na escrita, assim busquei trabalhar métodos que pudessem ajuda-los, e, no período de convivência, na prática em sala, passei a conhecer as especificidades de cada aluno. Assim, buscava contempla-los e envolve-los na aula o máximo que podia. Com as crianças menores, utilizava muito as metodologias de dinâmicas e brincadeiras educativas do alfabeto. E sempre no momentos em que percebia que meus alunos estavam tristes, desanimados ou com fome por falta de merenda, redobrava minha atenção, criava e excitava de forma divertida as atividades didáticas como por exemplo a brincadeira do casamento das letras do alfabeto: ficávamos em círculo e conduzia a dinâmica pedagógica. Com muito entusiasmo comunicava-os; Vai começar o casamento! Vamos fazer o casamento da letra A com a letra I (risos)... aí eu escolhia um menino e uma menina, identificando quem era a letra A e a letra I. Assim, todos de mãos dadas, como coordenadora da dinâmica continuava fazendo as perguntas: –Quem é a letra A? Eles identificavam e escreviam em seus cadernos a letra, no segundo momento buscava fazer comparações do cotidiano deles, como: quando a gente pega uma pancada no pé, qual é aquela palavrinha que falamos? Todos respondiam rindo, “ai”, voltados para o cadernos os alunos escreviam a palavra, desse modo, as atividades didáticas eram desenvolvida com sucesso no aprendizado e de forma divertida.

No entanto, com os alunos maiores sempre utilizava a metodologia do quadro de prega (para quem não conhece, é produzido todo de papel e acompanha fichas), de acordo

com seu objetivo. Nessa turma, me deparei com um aluno que apresentava serias dificuldades em seu aprendizado. Para minha surpresa no primeiro dia letivo a mãezinha me apresentou suas angústias e preocupações, sua fala era comovente, onde ela dizia: -Meu filho já estudou em várias escolas, com alguns professores e nunca consegue aprender a lê, ele já tem doze anos. E olhando em meus olhos ela me fez a seguinte pergunta: Professora, será que um dia meu filho vai conseguir desenvolver a leitura? Eu respondi. -Mãezinha no momento não tenho a resposta para sua pergunta, mas vamos descobrir juntos no decorrer de nosso trabalho, pois com determinação e esforço tenho certeza que conseguiremos, ela retribuiu minha resposta com um leve sorriso e se despedindo disse que estaria acompanhando a vivência de seu filho na escola.

Nos dias letivos, busquei trabalhar essa metodologia do quadro de prega, e conseguir despertar a atenção e curiosidade do aluno, quando era a hora do intervalo eu saía da sala, retornava e ele estava lá, trabalhando nas fichas, e sempre que tinha dúvidas me perguntava, questionava e eu sempre estava ao seu lado orientado e ajudando, no final do ano letivo ele sabia ler e era o primeiro aluno a concluir as atividades escritas solicitadas.

“Ah...é tão difícil alfabetizar! Não, se formos sutis e criativos com métodos que deixe nossos alunos “livres”, juntos lapidaremos os conhecimentos”

Pois afirmo, foi emocionante e gratificante acompanhar de perto a evolução no ensino e aprendizagem daquele rapaz, o esforço, determinação, persistência e a dedicação dele era motivo de orgulho, isto fazia com que, a cada realização de atividades didáticas, a certeza de que, quão linda é a minha profissão, e que de fato, conhecer as especificidades de cada aluno é nossa responsabilidade, sobretudo no processo de alfabetiza-los, onde o professor precisa ter: um espírito de vontade; criatividade, sensibilidade, sobretudo transmitir a confiança ao aluno, para que o mesmo tenha a certeza que independente das dificuldades ou circunstâncias você vai estar ao lado dele, ajudando, incentivando, apoiando e orientando, eu costumo dizer que essas são as chaves para o sucesso de um excelente trabalho de alfabetização. Pois afirmo como experiência vivenciada na prática de minha trajetória docente, que o resultado final contempla as ambas perspectivas, acompanhado do sentimento de gratidão, nítido em nossos olhares, lágrimas de felicidades, sorrisos e abraços, afinal, a reciprocidade de entrega para o alcance dos objetivos é a base para as nossas conquistas. Vamos construindo nossa escadinha (risos).

E as oportunidades somarão em minha vida e docência

Até no ano de 2010 eu trabalhava com multisseriado, a partir de 2011 iniciei a trabalhar somente com a turma do 5^a ano, em 2013 eu tive a oportunidade e o privilégio de ser lotada nas turmas de ensino fundamental nos anos finais na disciplina de Língua Portuguesa até os dias atuais. O convite que a mim foi feito para trabalhar na escola Municipal Gomes Netto abracei-o com otimismo, pois sempre busco exercer minha profissão com responsabilidade e amor pelo que faço, meus alunos são minhas fontes de inspiração, eles são a minha segunda família, pois através dessa relação, hoje eu tenho um legado, por que tenho pessoas que convivem comigo e me dão o privilégio de compartilhar meus saberes

e minha vida, um elo de reciprocidade, um entrelaçado de dois anéis, pois sem meus alunos, jamais poderia esta narrando essas experiências e saberes docentes, juntos construímos minha história de vida. Sou grata à cada aprendizado que descobrimos juntos. E para registro, a escola Municipal de Ensino Fundamental Gomes Netto, é meu ponto referencial e final da minha trajetória docente na área educacional, pois pretendo me ausentar da sala de aula (emocionada), mas guardo em minha memória, as pedrinhas essenciais; resistências, lutas, conquistas e superações, adquiridas ao longo da minha trajetória de vida e docência no meio rural desse município, Gurupá.

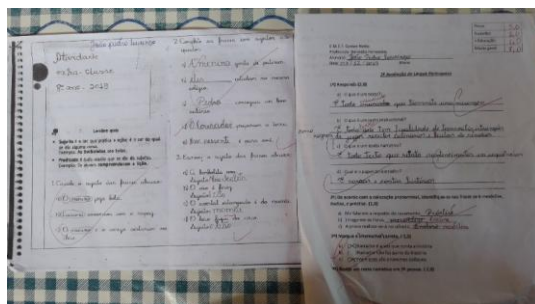
Figuras 4- turma 8ª ano do Ensino Fundamental



Fonte: Tarciane Alho (2019).

Na função de educadora, nunca teve dificuldades com nenhum conteúdo, pois sempre teve a preocupação de ter domínio, baseando-se na Matriz Curricular a qual tenho acesso, sendo que o conteúdo de minha preferência é Gênero Textuais pelo fato de ser diversificado em textualidade. Quanto à organização de meus planos de aula, elaboro semanalmente em casa, pois tenho mais recursos para pesquisas e melhor ambiente para concentração, sempre sigo uma rotina diária que inclui atividades em classes, rodas de conversas, pesquisas de conteúdo, apresentações de seminários com frequência e no geral de forma avaliativa; sobretudo ao final da aula, realizamos uma roda de leitura. Em minhas atividades educacionais realizadas, tanto na classe como em extraclasse, trabalhamos a motivação, autoestima, responsabilidade, compromisso, incentivando-os a não desistirem de seus sonhos e ideais, dá-lhes oportunidades de se expressarem e compartilharem seus conhecimentos através do diálogo, assim possibilito aos meus alunos uma boa interação na turma e construímos uma relação saudável entre aluno e professora. Sempre fui muito reflexiva a ausência dos meus alunos, principalmente na safra do açaí, pois mesmo acontecendo essa evasão escolar tenho consciência de que é um período favorável para a comercialização do produto que, por ora é fonte de renda familiar dos ribeirinhos que residem nessa localidade (Moju).

Figura 5- Atividades avaliativas



Fonte: Aluno João Pedro (2020).

A oportunidade de ingressar em uma universidade surgiu alguns anos de espera, meu sonho era cursar uma universidade pública, primeiro porque eu não tinha condição financeira para custear uma curso particular, pois com o meu salário, tinha que ajudar nas despesas de casa, segundo por que, na linguagem popular, na Universidade Pública “você têm que se virar...ou você estuda, ou não consegue alcançar suas metas!” sendo que na particular você encontra “mais facilidade”.

Então, fiz minha inscrição no curso de História, mas infelizmente não fui selecionada, era meu sonho! Até porque a gente ouve histórias contadas por nossos pais e avós, e dessas narrativas sempre ficam em nossas mentes a curiosidade de pesquisar e conhecer mais em detalhes os fatos, e como eu vim de uma descendência que meus avós, em especial minha avó Judite da Silva Martins já falecida, gostavam de contar narrativas orais, despertou em mim a vontade de cursar e ser Historiadora, pois ampliaria meus conhecimentos em relação a história de minha cidade, origens e seus antepassados.

Com a tentativa frustrante, a ansiedade e vontade só aumentavam, foi aí que surgiu a oportunidade da seletiva, Licenciatura em Letras, não estava nem preparada para isso, (risos), porém era a única opção, achando que não era o meu sonho e que não somaria em minha formação profissional, fiquei desanimada. Mas, para não perder a oportunidade de cursar uma graduação e o sonho de ser formada, decidir que aceitaria o desafio, fiz a seletiva, ao final sendo selecionada. Assim, em 2011 iniciei a minha graduação Curso: Letras (Licenciatura em Língua Portuguesa) - PARFOR- (Plataforma Freire), foi aí que descobria a ramificação, o sentido e a importância do curso de Letras na minha vida pessoal e profissional. Lembro, que nos primeiros períodos de faculdade eu tenha muito nervoso para expor minhas opiniões, tinha argumentos para contribuir no debate em sala, mas o medo me impedia, por outro lado eu sempre fui uma aluna de ouvir, observar, refletir e analisar, ao invés de falar, porque o silencio ajuda a gente memorizar e aprender, sempre buscava fontes seguras e ajudas em livros e pesquisas para subsidiar minhas falas, quando não tinha essa confiança de certeza, ficava neutra ouvindo, ou melhor aprendendo.

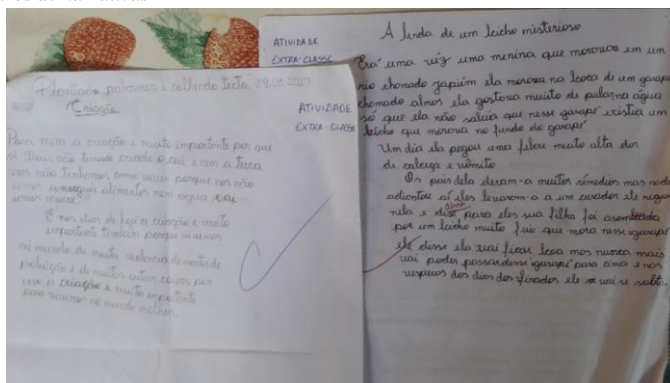
Em alguns momentos pensei em desistir, no caminho encontramos pedras, e as vezes essas pedras se tornam muito grandes ao nosso olhar, dificultando remove-las e ultrapassá-las, mas, com o incentivo e o apoio da minha família, eu não parei no caminho, conseguir forças para prosseguir, venci os obstáculos, dificuldades e os momentos difíceis, transformei-os em aprendizado (emocionada). Foi difícil. Mas, eu conseguir!

Em meados de metade do curso já conseguia socializar e interagir com a turma em sala, nos grupos e debates. Hoje, como professora do meio rural venho desenvolvendo em minha docência as habilidades e aprendizados que adquirir. Assim, minha graduação é sem dúvida um suporte essencial na minha prática pedagógica, e enfatizo como novo horizonte para melhores metodologias de trabalho; é evidente que esse e outros fatores contribuíram de forma eficaz na aprendizagem dos meus alunos, no que diz respeito à disciplina de Língua Portuguesa, tanto é que nunca encontrei dificuldade para trabalhar determinados conteúdos, sempre busquei adequá-los para suas realidades, que também é a minha; agricultores, ribeirinhos e extrativistas.

Também foi na faculdade que adquirir domínios para trabalhar as narrativas em algumas disciplinas inclusive na Língua Portuguesa explorando a gramática. Hoje coleciono meus escritores favoritos da literatura brasileira infanto juvenil como: Ruth Rocha e Hans Christian Andersen autor da narrativa do “O Patinho Feio”. Eu sempre gosto de trabalhar narrativas e texto reflexivos em sala de aula, porque elas despertam reações positivas nos alunos, pois o interlocutor busca relacionar os acontecimentos e fatos com os da sua vida. Assim, como o animalzinho sofre discriminação, a nossa sociedade infelizmente usa dessas armas “desigualdade” “racismo”, entre outras, que mata muita gente psicologicamente e fisicamente.

As vezes pensamos que as narrativas não mechem nas cabecinhas dos alunos, não valorizamos, sobretudo suas narrativas. Sendo que são relatos riquíssimos de saberes e fontes para realização de uma belíssima aula e recursos para; reproduzirmos, utilizarmos, construirmos, resgatarmos, estudarmos e registramos. Porque assim como esses autores da literatura brasileira buscam suas fontes de pesquisas para suas obras, nossos alunos, trazem para dentro do espaço físico escolar seus conhecimentos empíricos, reconhecimento de pertencimento, identidade, religiosidade, cultura e costume de seus antepassados, à eles são repassados de geração para geração. É nítido em seus olhares o quão é valioso compartilhar suas histórias de vidas para além da sala de aula.

Figura 6- Registros de narrativas



Fonte: Aluno João Pedro (2020).

Nesta imagem, temos os registros das narrativas, atividades mediadas pela professora durante as aulas, os alunos narram as lendas e contos presente no imaginário local. Isso

demonstra como a realidade social com suas experiências narrativas, podem contribuir ser o local de partida e de mobilização para inovar e conectar as práticas educativas na área da língua portuguesa, nesse movimento de aproximação da cultura dos sujeitos, de cada criança com os conhecimentos escolares.

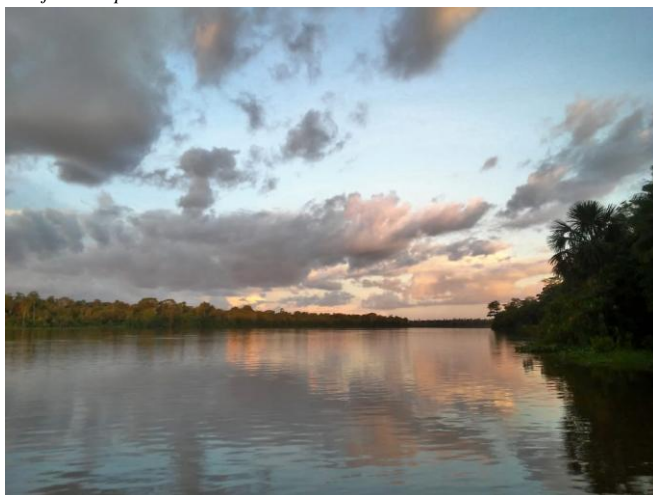
Assim, o reconhecimento de que tanto eu como meus colegas de trabalhos contribuimos com as comunidades ribeirinhas é notável, pois compartilhar teorias e práticas no ensino e aprendizagem é algo que enfatizo como gratificante, desse modo eu aproveito essa forte relação efetiva que tenho principalmente com meus alunos para trabalhar juntos por uma educação de qualidade que venha beneficiar toda a comunidade escolar. Mas, Infelizmente em nosso município a política partidária é muito resistente, falo da mudança de quatro em quatro ao (troca de gestão), o que percebo é que em cada governo, é adotado suas medidas particulares, esquecendo a educação como prioridade. Nesse sentido o apoio que nós professores do meio rural recebemos da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), direção, coordenação escolar é variante, pois ressalto que o acompanhamento e a participação na escola sempre é deixada a desejar, sendo que é fundamental esse trabalho em equipe para o ensino de qualidade.

Deixo registrado nesta narrativa, que nos anos anteriores de 2008 tínhamos oportunidade de participarmos de oficinas e encontros de formação pedagógicos, posso aqui da ênfase ao Pro-Letramento: Programa de formação continuada a distância promovida pelo MEC em parceria com as Universidades que integram a Rede nacional de formação continuada de professores da Educação Básica e com adesão das secretarias de Educação Municipal e Estadual. Era destinado a professores e especialistas do Ensino Fundamental aprimorando sua formação para melhoria da qualidade de ensino e aprendizagem de leitura, escrita e matemática nos anos iniciais. Atualmente não temos essas formações continuadas nossos governantes nos esquecem, não nos valorizam, acho que, pelo fato de sermos formados, pensam que não precisamos de oficinas e formações continuadas, ocasionando assim, o retrocesso na educação e no acompanhamento por parte da gestão, pois nós professores do meio rural, não estamos recebendo esse reconhecimento de um olhar humanitário, apenas por parte dos alunos, pais e colegas de trabalho, falo com relação ao nosso cantinho (Moju), juntos lutamos por melhorias.

E já finalizando minha narrativa quero deixar registrado minhas perspectivas para o alcance da sonhada educação de qualidade. Como professora do meio rural, atuando neste vasto campo, nessa imensa floresta, região amazônica o qual nós vivemos, tendo esse sono tranquilo, esse ar que respiramos, olhando para esse verde tão bonito para essas águas claras do rio, esses coloridos das roseiras, e a cantiga dos pássaros, afirmo que é dessa energia positiva que buscamos espiorações para produção e realização de um trabalho produtivo. Eu falo isso porque aqui onde moramos é um pedacinho do céu, pois nós temos o privilégio de desfrutar dessas maravilhas, nossa mãe terra. E como sempre exerci essa minha árdua e bela profissão nesse extenso município, desejo de coração que os futuros professores(as) e os demais profissionais da educação, em especial os que trabalham no meio rural possam receber melhores condições de trabalhos, formação continuada e acompanhamento pedagógico, para assim desenvolverem suas atividades com dignidade e

qualidade, contemplando assim toda a comunidade escolar no qual está inserida, pois, formando é que nos formamos.

Figura 7- Rio Moju- Gurupá



Fonte: Maria Benedita Taiána (2020).

Ailton Krenak (2020) nos ensina que nos lugares onde cada povo tinha sua marca cultural, seus domínios, lugares, na tradição da maioria das nossas tribos, de cada um de nossos povos, é que está fundado um registro, uma memória da criação do mundo. Nessa antiguidade desses lugares a nossa narrativa brota, e recupera os feitos dos nossos heróis fundadores. Ali onde estão os rios, as montanhas, está a formação das paisagens, com nomes, com humor, com significado direto, ligado com a nossa vida, e com todos os relatos da antiguidade que marcam a criação de cada um desses seres que suportam nossa passagem no mundo. O rio Moju, para nós guarda também nosso seres sagrados, nossa história e memória ao longo de sua extensão e águas escuras e caudalosas, guarda nosso manto de proteção pelos deuses da floresta. E a narrativa continua:

Assim, essa oportunidade de narrar e registrar a minha trajetória de vida é docência é a forma de reconhecimento mais gratificante que já recebi enquanto professora do meio rural em exercício na rede de ensino. Me emociono de ver que esse trabalho será realizado por filha de conterrâneo, ribeirinho e extrativista, a qual tem minha admiração e respeito pelo legado que juntos constroem, família humilde e admirável por suas condutas. Assim sendo, aconselho você que não desista e nem desanime, prossiga nessa linda profissão que você escolheu, utilize do conhecimento que você já adquiriu, compartilhe-os e seja persistente pois Deus estará com você, vencerás todos os obstáculos que encontrares em sua trajetória, acredite pois Ele te proporcionará saúde, sabedoria, discernimento e inúmeras oportunidades em sua vida para você contribuir com a sonhada educação de qualidade aos

nossos filhos e netos ribeirinhos, povo querido do meio rural. Eu estou muito emocionada, sei que vou morrer, mas minha trajetória de vida e docência no meio rural, ficara registrada. Obrigada querida por me proporcionar a vivenciar essa experiência magnífica! Deus abençoe você e sua família sempre!

4. Possibilidades da pesquisa narrativa autobiográfica

A pesquisa (auto)biográfica considera o ato da narração como fenômeno antropológico e civilizatório produzido especialmente pela linguagem oral e escrita; como método que se propõe a investigar aspectos históricos, sociais, multiculturais, institucionais da formação humana; como práticas de (auto)formação, mediante a reflexividade (auto)biográfica, com repercussão na constituição da subjetividade e da inserção social do sujeito da narração e, ainda, na qualidade de elemento investigativo do uso das narrativas como dispositivo de intervenção educativa. (Souza, Passeggi e Vicentini, 2015).

Bragança (2012), nos lembra que as histórias de vidas surgiram primeiramente como um modo de conversão e prática recorrente no âmbito da vida privada, entre famílias em que os pais, avós e parentes mais velhos passaram os ensinamentos, modos de vida, acontecimentos e fatos que tiveram no plano da experiência do passado em suas vidas, para as novas gerações, a fim de trocarem saberes e aprendizados de vários âmbitos da vida, da sociedade e da existência.

Enquanto nas ciências sociais as histórias de vida vão surgir originalmente por volta dos anos 1920, na Escola de Chicago, nos Estados Unidos na Europa, o seu nascimento se dá pela contraposição aos modelos quantitativos da sociologia e a rejeição do sujeito pelo estruturalismo marxismo e, portanto, se inicia então em 1970, com Daniel Bertaux que foi seu iniciador na França orientado para os campos profissionais com a abordagem biográfica que desenvolveu trabalhos na sociologia crítica a partir das fontes de história de vidas dos sujeitos em trajetórias e percursos profissionais. (MORAES; BRAGANÇA, 2012).

Referente as pesquisa educacionais sobre as escritas de si nos processos de formação e profissionalização docente expandem-se no Brasil, a partir dos anos 1990, na virada biográfica em Educação. Muitos estudos sobre a profissão docente voltam-se desde então para a “maneira como os professores vivenciam os processos de formação no decorrer de sua existência e privilegiam a reflexão sobre as experiências vividas no magistério”. (PASSEGGI et al, 2010, p. 370). “A partir dos anos 2000, novas orientações acrescentaram-se à perspectiva inicial, diversificando e ampliando a investigação sobre os escritas de si no processo de formação e profissionalização docente”. Assim, a escrita de relatos (autos)

biográficos dá aos indivíduos a possibilidade de articular por meio das narrativas que produzem sobre si as “experiências referencias” pelas quais passaram, dotando a própria trajetória profissional de sentido. (PASSEGGI, 2010, p. 370; 378).

No entanto, falar da abordagem narrativa (auto) biográfica é tratar de uma metodologia sociológica da escuta que considera as fontes escondidas, que dá atenção genuína a escuta das vozes na delicadeza das relações não sabidas e considera a abertura à condição de fazer ouvir o silêncio ensurdecedor. “Ao narrar sua própria história a pessoa procura da sentindo às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se” (PASSEGGI, 2011, p.147, PEREIRA, 2014).

Para Arroyo (2019), as trajetórias docentes são antes de tudo trajetória de trabalho. Vemos e revemos nossos magistérios no espelho dos alunos (as). Vemos nossas trajetórias em suas trajetórias. Trabalhamos com o conhecimento com os conteúdos, metodologias. Tudo isso toca o nosso trabalho, sobretudo ao trabalharmos com gente concreta, alunos e alunas que mudam, reagem e exigem de nós reações, condutas e esforços. Trabalho. Somos trabalhadores em educação que lidam com esses educandos (as). (Arroyo, 2019, p. 151)

Desse modo, os professores (as) aproveitam essa forte relação efetiva que tem, principalmente com seus alunos, para trabalhar juntos por uma educação de qualidade que venha beneficiar toda a comunidade escolar. “Em outros termos: aprender com os educandos a sermos educadores amplia e enriquece nosso projeto de realização profissional e humana. O professor é um ser humano, sua docência é humana, docência com tudo o que implica escolha, de realização humana”. (Arroyo, 2013, p. 26)

Do ponto de vista de Arroyo (2019), desde o final dos anos 1970, a categoria de professores vem construindo uma imagem social e política à base de muitas lutas. Vem se identificando e sendo identificada como trabalhadores em educação. “Lutas que mudam de foco e de frentes, mas coincidem nos tensos processos de construir um projeto de profissional de educação básica mais plena”. (Arroyo, 2013, p. 27).

Contudo, na medida em que o movimento docente é resistência e participativa, as lutas vão se afirmando, pois as ações cooperativas de educadores e movimentos sociais, uma vez organizados defendem um projeto de educação pública de qualidade social e democrática. Para Arroyo (2013), o movimento docente tem contribuído para a autonomia política da categoria. Sendo que, em relação a contribuição dos movimentos sociais nas reivindicações dos direitos e de políticas públicas Kramer afirma:

[...] as lutas dos movimentos sociais são essenciais na conquista dos direitos, principalmente em países como o nosso, onde reina a desigualdade e a injustiça

social, onde se exploram e oprimem as camadas mais pobres, onde não se beneficiam nem valorizam aqueles que trabalham... O que me parece, assim, é que lutando por nossos direitos estamos agindo como cidadãos, e agindo como cidadãos é que nos tornamos cidadãos... a cada momento, em todos os lugares, sujeitos na história, fazendo história, refazendo a nossa história... (Kramer, 2010, p. 108).

Todas essas lutas constituem saberes de experiência, que fazem parte da formação de muitos professores, uma vez participativos, engajados e organizados, trazem e compartilham suas memórias acumuladas de saberes, construindo assim sua identidade profissional. Nossos mestres, fazem e refazem suas trajetórias de vida e docência através da rememoração das histórias e vivências, construídas na prática das salas de aula e no contato direto com seus alunos.

Arroyo (2013), afirma, é um direito que os alunos conheçam o acúmulo de conhecimentos sobre seus mestres; sobre os saberes da docência. De acordo com Ferreira (2007, p. 53), “a experiência de vida, a reflexão sobre a prática profissional, a memória do professor entram em cena a partir dos anos 1990, conjuntamente com outros tipos de saber, como acadêmico / científico, no sentido de fazer compreender que ação profissional docente não está desvinculada das práticas sócio subjetivas”. [...] E a memória é por excelência, o trabalho que organiza, busca, junta, rejunta, cola, desmonta, dando uma configuração às imagens que desenham novas subjetividades. (Oliveira 2006, p. 16).

Assim, aprender com a experiência, rever a própria trajetória, possibilita ao professor reflexões que podem se transformar em ações inovadoras e eficazes em sua atuação docente cotidiana, possibilitando características particulares através de análises críticas e avaliativas reconhecendo suas limitações e capacidades, melhorando assim, a qualidade de ensino.

Por isso, a metodologia da história de vida passou a ser central para a construção de um percurso formativo no qual os docentes pudessem compartilhar pelas narrativas orais e escritas suas experiências marcantes e que elas pudessem ser tomadas como elementos de reflexão na construção do trabalho formativo. (Anjos, 2014, p. 108).

Desse modo, o saber da existência e experiência significativa é o que possibilita ao professor capacidade de concepção ampliada em sua prática docente, apoio-me nos termos expressos por Arroyo, nos quais percebe-se que

Cada vez mais conhecemos que nos processos educativos entram em relação sujeitos humanos, educadores (as) e educandos (os), que sendo humanos carregam culturas, memórias, valores, identidades, universos simbólicos imaginários para os cursos de formação e para os processos de ensinar-educar-aprender. (Arroyo, 2008, p. 2).

Nessas relações sociais a educação, os sabres e os valores, a cultura e a leitura de mundo se traduzem em experiência. (Arroyo, 2013, pag. 125). De acordo com o pensamento de Cunha (1997), quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. (Cunha, 1997, p. 2).

Os significados e saberes ligados à experiência dos professores estão presentes nas narrativas que escrevem e que exercício se apresenta como oportunidade de atribuir importância e propósito às práticas, marcar posição sobre o vivido e interpretar o acontecido. De modo que, a reflexão decorre do desejo de dar sentido ao fato de solicitar aos professores a tarefa de narrar sua história de vida e suas experiências profissionais. (PASSEGGI, 2011; FIORENTINI, 2006; FERREIRA, PRADO E ARAGÃO, 2015)

Com essas reflexões, além das lembranças como alunos (as) de nosso tempo de escola, passamos a lembrar nossas trajetórias humanas, docentes e pedagógicas. O exercício de memória pode ser uma releitura do que foram os tempos de vida e o que poderia ter sido. Um aprendizado. Essas vivências estão muito presentes na prática do professor (a), sobretudo em sua vida, percebemos a ausência de registros das trajetórias, docências e ações educativas desses mestres autores. De fato, precisamos conhecer a biografia, identidade, lutas, resistências, autorias, valores, cultura e saberes desses sujeitos ativos, mediadores do conhecimento. Mas, para que isso ocorra, faz-se necessário estudos, reflexões, sobretudo catalogações de fontes, documentos, fotografias e relatos que descrevem detalhes precisos e explícitos das lembranças dos sujeitos docentes. Não seremos de todo infelizes se lutarmos para que esta história seja contada (ARROYO, 2011; 2013; 2019).

Esta pesquisa possibilitou-me a compreensão de que as histórias de vida tem um potencial transformador na vida do sujeito, pois ao narrar trajetórias de vida e docência, acessamos fatos e acontecimentos do passado que marcaram nossa vida, fazendo-nos repensar nossas práticas e experiências vividas em contextos passados trazendo-os para essa relação entre passado e presente, para assim, pensar em transformações necessárias.

Referente a professora Maria Benedita, percebi, que suas práticas didáticas e experiências adquiridas no passado foram relevante e o aprendizado, construídos e aperfeiçoados ao longo da docência e vida, mobilizaram inúmeras possibilidades do fazer e (re) elaborar seus métodos do trabalho pedagógico, assumido assim um nível cada vez mais elevado de compromisso requeridos nesta profissão de ser professor. Por isso acaba ressignificando seus saberes construindo novas concepções e flexibilidades plausíveis na vida profissional e pessoal, sobretudo dão legitimidade e permite escrever os métodos didáticos,

conhecimentos e experiências, elementos de referências que contribuem no processo educacional.

A ausência de registros em relação a histórias de vida dos metres que trabalham no meio rural, me levou ao interesse de realizar esta pesquisa de campo, entrevistas semiestruturadas e utilizar os dados dos Tempo Comunidade (TCs) para somar ao Trabalho de Conclusão de Curso. O curso de licenciatura em Educação do Campo, o qual tenho o privilégio de estudar, provocou-me a conhecer mais essa profissão, em estudar e registrar a trajetória de vida e docência de Maria Benedita, professora na EMEF Gomes Netto, a qual participou como interlocutora e produtora de dados durante as pesquisas do Tempo Comunidade (TCs) bem como, supervisora nos estágios I e II.

A experiência que vivi nas salas de aulas na companhia da professora Maria Benedita foram maravilhosas, sempre se referia à mim, como professora, e isso me encantava, momentos únicos em minha vida, e eu os transformei em aprendizados. Em suas falas acrescentava, que a minha presença nos dias letivos e no contato direto com alunos enriquecia o meu conhecimento profissional e a realização de suas regências, pois as nossas trocas de experiências fluíam naturalmente e coletivamente.

A nossa relação de respeito foi se constituindo com a constante convivência., uma vez que além de pesquisadora em formação, sou egressa da EMEF Gomes Netto, e o retorno a esse contexto da educação básica, foi acompanhado de uma excelente recepção por toda a comunidade escolar, em especial pela professora, como dizia ela, rindo e de bom humor, “você é filha da nossa Gomes Netto e será sempre bem vida”, percebia no brilho de seu olhar, a certeza de que de fato os anos investidos na formação de cidadania, era perceptível na minha vida, ela se tranquilizava ao reconhecer e vivenciar resultados positivos e sua contribuição gratificante, pois sempre fora exercida com amor, entrega, profissionalismo e sensibilidade, transformando a vida de tantos alunos que passaram e passam por sua sala de aula.

O amor pela profissão foi se solidificando, e o sentir-me professora do campo foi a melhor experiência da minha vida, acordar cinco e quarenta e cinco da manhã, tomar banho, café e com todo o material didático pegar o barco (transporte público utilizado no meio rural), apanhar os alunos em suas residências para nos deslocarmos até a escola (percursos diário de todos os alunos, professores e demais funcionários para o acesso à escola básica), e assim iniciamos o dia letivo. Diante do exposto, posso ressaltar que foi um período de muito aprendizado e crescimento profissional e pessoal.

Dediquei-me com respeito, entusiasmos, carinho e apreço nessa oportunidade de pesquisar, estudar e proporcionar o devido reconhecimento desses grandes mestres que estão inseridos e atuando nas escolas do meio rural. Pois acredito que eles são geradores de riquíssimos legados de experiências, saberes, memória, práticas educacionais, norteadas pelo afeto e desenvolvimento de o aprendizado de qualidade, por isso que as histórias de vida são fontes potentes no processo de pesquisa narrativa e formação.

Considerações: reflexividade e reconhecimento

Refletir sobre a formação docente, implica conceber um processo de formação-ação no qual o professor se coloca como agente e sujeito de sua prática, além de sujeito do processo de construção e reconstrução do conhecimento. Nesse sentido à monografia foi fundamental para darmos visibilidade ainda maior para o reconhecimento do trabalho docente no meio rural, sobretudo entendemos que tal experiência desafiadora e igualmente rica precisa ser conhecida em outros espaços formativos dentro de um contexto social mais amplo.

As marcas da resistência e protagonismo, aspectos que caracterizam Maria Benedita como uma docente que muito contribuiu na rede de ensino do município Gurupá, se evidencia também pelos seu gestos e pela forma como rememorou suas práticas nutridas pela teoria da educação. As memórias da prática docente possibilitaram conhecer um pouco do cotidiano das escolas do meio rural entre 1985 a 2019. Constata-se que suas experiências e conhecimento do seu primeiro tempo de aluna em seguida professora, serviram de base para que ela construísse sua trajetória de vida e docência, apropriando-se dos instrumentos do saber cultura escolar, enfatizando como compreendeu e incorporou as responsabilidades profissionais no seu tempo.

O que me chamou a atenção foi o nível de ponderação e percepção das vivências e relação que a professora construiu com comunidade escolar, as distâncias entre mestre e pais se aproximam e as trocas de conhecimento fluem quando o objetivo é somar por uma educação de qualidade para com os filhos de ribeirinhos. Assim, externar a gratidão foi a forma que a mãe de um aluno encontrou como agradecimento à professora por proximidade e aspectos de convivência.

Há trinta e cinco anos atuando na área ribeirinha como professora Maria Benedita Fernandes é uma mulher guerreira. Eu que moro nessa localidade sou mãe de aluno sei das dificuldades que esses professores enfrentam como a falta de merenda nas escolas, a desvalorização e o não o reconhecimento tanto pelos governantes, alunos, alguns pais e a distância geográfica. Enfim, obstáculos que fazem muitos desistirem dessa luta! A você professora meus sinceros parabéns, deixará um legado importantíssimo aos futuros professores e a toda comunidade escolar. Como pessoa você é encantadora, como profissional és excelente! Eu me sinto honrada de meu

filho ser seu aluno, pois nunca mediu esforços para educar todos os seus. Você poderia ter escolhido outra instituição para trabalhar, mas escolheu compartilhar conhecimentos com filhos de ribeirinhos extrativista. Meus sinceros agradecimento! (Mãe de aluno do 8º ano, 2020).

Em sua narrativa enfatiza o período em que trabalhou nas séries multisseriadas, dando ênfase à alfabetização caracterizando como aspectos de maior responsabilidade do professor e que também foram as lembranças que expressaram maior gratidão e reconhecimento sobre seu trabalho docente. Externou emocionada a gratidão pelo apoio, incentivo, confiança, afetividade, que recebeu de todos os pais ao longo de sua trajetória, consolidando com a reciprocidade do relato acima.

Relatar exatamente os acontecimentos que representam experiências de trabalho docente, não é uma tarefa fácil, uma vez que a vida ribeirinha é bastante diversificada desde a sobrevivência, família. São experiências gratificantes armazenadas na bagagem do conhecimento e como foi perceptivo em toda sua narrativa a relação de cumplicidade da professora e seus alunos, onde afirma ser sua segunda família, com quem partilha seus conhecimentos construindo assim a sua história de vida. Os relatos abaixo confirmam essa linda relação alunos (as) e professora.

Querida professora Maria Benedita, nossa rainha como costumávamos nos referir à ela (apelido carinhoso), não tenho palavras bonitas para agradecer-lá, mas quero que saiba da minha gratidão por toda paciência, compreensão, sensibilidade, incentivo, apoio e preocupação com a nossa formação, você ao longo de quatro anos foi minha professora e amiga, demonstrando-nos profissionalismo, responsabilidade, amor por sua profissão e alunos. Obrigada por tudo de bom que me ensinou em aula, e também por me convencer de que eu era melhor do que suspeitava, com sua postura carinhosa, honesta e ética aperfeiçoou-nos. (Com admiração e carinho de sua aluna do 9º ano 2020).

Essa é uma oportunidade ideal para agradecer a você professora Maria Benedita por tudo o que você fez por mim e por fazer do aprendizado aulas divertidas e reflexivas, quero que saiba que eu reconheço a sua dedicação desse árduo e nobre trabalho. Você que vem dedicando sua vida para ajudar e compartilhar conhecimento, obrigada pelos diálogos diários quando a vida se mostrava difícil, a senhora sempre nos motivando para não desistir de nossos sonhos. Tenho boas lembranças de nossa convivência. Desculpa se lhe dei muito trabalho, a senhora é uma professora muito dedicada. Parabéns pela profissional e pessoa admirável. (Aluno do 8º ano 2020).

Quero ressaltar a experiência ímpar que adquiri na realização desta pesquisa, não me dava conta que tinha tanto para descobrir. Fiquei comovida com a confiança da professora Maria Benedita em mim contar sua história de vida, desde o primeiro momento nossa narradora se mostrou disponível para a cumplicidade, por isso tentei ser a mais delicada possível, ouvir com muito apreço sua narrativa como também os relatos dos meus entrevistados estabelecendo uma relação de companheirismo e respeito.

Durante todo esse processo de pesquisa tive a oportunidades de dialogar com uma liderança comunitária, conversa essa, que possibilitou rememoração da época que vivenciei, atribuindo assim, reconhecimentos ao trabalho dos professores nas comunidades ribeirinhas. A experiência, marcas que ficaram. Com podemos observar no relato abaixo:

Minha filha vou te contar um fato, em 1951 houve uma eleição e o nosso patrão Wilson Lima estava concorrendo, eu tinha 16 anos, morávamos nessa época um total de dez famílias na localidade. Então, no dia da eleição sabe quantas pessoas puderam votar? Duas pessoas. Eu e o Jovito Medeiros pois era somente nos dois que sabíamos assinar nosso nome, os demais, todos eram analfabetos, isso sim, era uma grande tristeza. Então quero dizer que a aceitação de professoras guerreiras trabalharem primeiramente em nossas residências e anos depois em prédios próprios, veio para clarear a vida das famílias e comunidades, pois nossos filhos ribeirinhos tiveram a oportunidade de estudar, coisa que eu não tive. Hoje vejo meus netos (as), bisnetos (as) tendo essa e outras oportunidades na vida, realizando seus sonhos graça ao acesso à escola, isso sim me deixa feliz, por isso agradeço a essas pessoas que doam sua vida para ajudar nossa gente. (Relato de uma liderança).

Essa trajetória de estudo e pesquisa me permitiu defender a ideia de que é necessário dar vozes e registro a esses reconhecimentos e narrativas de vida, pensar a experiências de saberes como conteúdo de formação, o que é essencial se queremos que nossos professores sejam protagonistas de suas histórias. Enfim, um olhar agudo a essas matérias nos possibilitaram aprender com a experiência concreta, rever as trajetórias e transformá-las em importantes dimensões formadoras. Assim, acredito ter alcançado todos meus objetivos previstos, uma vez que todos de certa forma foram essenciais para a elaboração desse trabalho que certamente irá contribuir de forma positiva nos estudos educacionais. Devo considerar: os aprendizados; conhecimentos; e saberes que somaram em minha vida enquanto estudante.

Referências

ABRAHÃO Maria Helena M. Barreto; BRAGANÇA Inês F. de Souza. **Histórias de vida de educadores/as sociais em pesquisa narrativa (auto)biográfica** Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 05, n. 13, p. 16-23, jan./abr. 2020.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa** /- 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____, Miguel G. **Imagens quebradas: trajetória e tempos de alunos e mestres** / 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

CALDART, et al. (Orgs.) **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

COSTA, et al. (Orgs.) **Narrativas, Formação de Professores e Subjetividade Democráticas** / São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 207 p.

FERREIRA, Andreia Tereza Brito. ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. LEAL, Telma Ferraz. **Formação continuada de professores** / – 1 ed., 2 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.120 p.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso** / São Paulo Ática, 2010.

KRENAK, Ailton. Antes o mundo não existia. In: In: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Disponível em: <https://artepensamento.com.br/item/antes-o-mundo-nao-existia/> acesso em 29 de março de 2020.

Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei das Diretrizes de Bases- LDB**. Diário Oficial da União, Brasileira, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 13 junho 2020. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei das Diretrizes de Bases- LDB**.

LIMA, Helena Pinto; MARQUES, Fernando Luiz Tavares; MESQUITA, Fernando José Lima de. **Forte Santo Antônio de Gurupá** – Belém – PA: Marques Editora, 2018.

MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Sousa. **As histórias de vida de professoras iniciantes no processo de constituição da docência**. Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp., Salvador, v. 29, n. 57, p. 193-194, jan./mar.2020. Disponível em <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/issue/view/459/showToc>. Acesso em 06/06/2020.

Formatado: Inglês (Estados Unidos)

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação.** / Educação, Porto Alegre, v 34, n. 2, p. 147 – 156, maio / ago. 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. SOUZA, Elizeu Clementino de. VICENTINI, Paula Perin. **Entre a vida e a formação: Pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização¹** / Educação em Revista / Belo Horizonte / v. 27 / n. 01 / p. 369 – 386 / abr. 2011.

RUTKOWSKI, Edna Alves Chagas. **E no meio do caminho tinha um livro...** / Campinas, SP: [s.n.], 2018. (Trabalho de Conclusão de Curso, da Faculdade de Educação da UNICAMP).

SANTOS, Alaércio Gonçalves dos. **Gurupá 385 anos de história, cultura e tradição.** / Gurupá – 1623 a 2009. 221 p.

SILVA, Idelma Santiago da. SOUZA, Haroldo de. RIBEIRO, Nilsa Brito. **Práticas contra – hegemônicas na formação de educadores: reflexões a parte do curso de Licenciatura em Educação do Campo do sul e sudeste do Pará** / - Brasília: MDA, 2014. 316 p.

SOUZA, Clementino de; PASSEGGI, Maria da Conceição; VICENTINI, Paula Perin (Orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica:** trajetórias de formação e profissionalização. Curitiba: CRV, 2013, p. 15-23.

VIEIRA, Pedro Alves. TRECCNI, Girolama. **Documentar a terra uma luta constante** / Gurupá, 2001.

Anexos:

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Roteiro de entrevista com os alunos e lideranças da comunidade

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – TCLE

Convidamos o (a) Sr. (a) _____ para participar da pesquisa “ _____ ” do discente do curso de Educação do Campo, _____, sob orientação do Prof. (a) _____.

O objetivo central da pesquisa é analisar _____.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista, respondendo um questionário. Se depois de consentir em sua participação o(a) Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados (entrevista), independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa.

O(a) Sr. (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração ou similar. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se compromete a tornar públicos, de forma consolidada, os resultados obtidos sem qualquer identificação de indivíduos participantes. Para qualquer outra informação, o(a) Sr. (a) poderá entrar em contato com o pesquisador envolvido através dos seguintes contatos telefônicos. Eu,

_____ declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Data: ____ / ____ / ____.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que eu fui informado sobre os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e porque o pesquisador precisa da minha colaboração, tendo entendido a explicação. Por isso, eu concordo em participar, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Altamira (PA), ____ de _____ de _____

Assinatura do(a) Participante: _____

Assinatura do(a) Pesquisador: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO- LINGUAGENS E CÓDIGO

Querido (a) aluno (a):

Estamos na reta final de nossa formação no período de elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Educação do Campo- Linguagens e Códigos da Universidade Federal do Pará – UFPA. O tema de nossa pesquisa é: Trajetória de vida e docência de uma professora do meio rural: Um estudo na escola Gomes Netto.

Na condição de aluno (a), qual a relevância do trabalho que a professora Maria Benedita vem realizando nas escolas do meio rural há 35 anos? Fale para nós, de que forma ela vem contribuindo na sua formação; a relação aluno (a) e professora; suas metodologias pedagógicas; seu profissionalismo em sala e extra sala; e por fim suas características do fazer professora que serão sempre lembradas por você.

Agradeço sua colaboração e participação
para bom êxito da realização desse
trabalho.

Abraços!



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO- LINGUAGENS E CÓDIGO

Querido (a) pai / mãe/ lideranças:

Estamos na reta final de nossa formação no período de elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Educação do Campo- Linguagens e Códigos da Universidade Federal do Pará – UFPA. O tema de nossa pesquisa é: Trajetória de vida e docência de uma professora do meio rural: Um estudo na escola Gomes Netto.

A fonte de dados desta pesquisa é a história de vida da professora Maria Benedita Rodrigues Fernandes, docente da referida escola. Então, gostaria que você compartilhasse sua opinião em relação ao reconhecimento do trabalho que a professora vem realizando há 35 anos na rede de ensino do município de Gurupá. Contemplando as comunidades ribeirinhas e possibilitando o acesso à educação aos filhos de extrativistas.

Agradeço sua colaboração e participação
para bom êxito da realização desse
trabalho.

Abraços!